
POR UMA GEOGRAFIA LIBERTÁRIA

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Por uma Geografia Libertária*. Rio de Janeiro: Consequência, 2017, 504 p. [ISBN:978-85-6943721-5]

Angela Maria Endlich

Universidade Estadual de Maringá
amendlich@hotmail.com

Recibido: 5 de mayo de 2020; Aceptado: 30 de mayo de 2020

Por uma Geografia Libertária (Resumo)

O texto refere-se a uma resenha do livro *Por uma Geografia Libertária*, de Marcelo Lopes de Souza. O autor busca contribuições para a Geografia, tanto em geógrafos anarquistas clássicos como em outros mais recentes, além de analisar espacialidades libertárias no passado, em que o caso a Guerra Civil Espanhola é paradigmático. Contudo, mais recentemente, existem diversas iniciativas que possuem um viés libertário, ainda que a mensagem do livro remeta ao devir o desenvolvimento de práticas socioespaciais libertárias, pautadas na autonomia.

Palavras-chave: Geografia Libertária, Reclus, Kropotkin, Bookchin, Castoriadis.

For a Libertarian Geography (Abstract)

This paper is a review of the book *For a Libertarian Geography*, by Marcelo Lopes de Souza. The author seeks contributions to geography, both in classic anarchist geographers and in more recent ones, as well as analyzing libertarian spatialities in the past, in which the case of the Spanish Revolution is paradigmatic. Recently, however, there are several initiatives that have a libertarian bias, although the book's message refers to the development of libertarian socio-spatial practices, based on autonomy.

Key words: Geography, Libertarian, Reclus, Kropotkin, Bookchin, Castoriadis.

A Geografia tem na sua história clássica dois grandes libertários: Elisée Reclus e Piotr Kropotkin, muito conhecidos entre anarquistas, possivelmente mais que entre os geógrafos. Podemos dizer que o volumoso livro de Souza, busca o que há de geográfico nas obras desses clássicos e em nomes posteriores, além de analisar experiências libertárias expressivas no passado e no presente.

Por uma Geografia Libertária é apresentada pelo autor como um manifesto e isso está sinalizado em seu título. A obra, todavia, tem uma extensão que não é própria de um manifesto. Trata-se de um livro aprofundado com mais de quinhentas páginas, no qual o autor desenvolve longamente diversas ideias, com numerosas notas de rodapé. De qualquer modo, como Souza o considera como um manifesto, ele anuncia que estaria preparando outro mais completo.

A relevância que atribuímos a essa obra está relacionada a convergências com nossa trajetória. Tendo em vista sua amplitude, os pontos que destacamos nesta resenha também estão marcados por recortes que tem o viés da nossa identificação com a temática. Seguramente, leitores e pesquisadores com outros interesses e trajetórias destacariam outros pontos. Nossa motivação para a pesquisa acadêmica sempre esteve relacionada às questões relativas a pequenas cidades não metropolitanas, com realidades tão contrastantes em relação as grandes cidades e a todo o processo de concentração e centralização. Portanto, a nossa via de “entrada” na pesquisa baseia-se em uma espacialidade, que descobrimos encontrar respostas aos seus desafios nas contribuições marcadas pela tendência anarquista/libertária. Tanto que as consideramos de modo expressivo quando tratamos do município enquanto instituição local ao longo da história. Do mesmo modo, as consideramos para analisar as experiências supramunicipais, além dessa concepção estar presente em nosso trabalho na perspectiva do devir ou na utopia que o pensamento dialético exige. É notável como, por caminhos tão diferentes, as trajetórias podem levar a pontos comuns.

Aparentemente são poucos os geógrafos que retomam as contribuições clássicas libertárias, mas uma busca por “Geografia e Anarquismo” no *Google* acadêmico traz 18.700 resultados, incluindo como sempre resultados diversos. Em levantamentos mais direcionados sabemos que existem núcleos no Rio de Janeiro, São Paulo e outros pesquisadores que individualmente desenvolvem temas afins.

Após a publicação do livro objeto dessa resenha, encontramos lançado no corrente ano pela Editora da Unesp, o título denominado Geografia e anarquismo: A importância do pensamento de Piotr Kropotkin para a ciência, escrito por Amir el Hakim de Paula. Portanto, aos poucos essas contribuições vêm sendo valorizadas. Marcelo Lopes de Souza, autor do livro que resenhamos, tem uma trajetória profundamente vinculada ao debate que estabelece nesta obra, embora como publicação esta seja a que mais diretamente vincula-se a questão da Geografia e as perspectivas políticas libertárias.

Como mencionamos antes, o autor trabalha longamente algumas ideias e queremos começar a resenha destacando a sólida contribuição que Souza traz quanto

ao espaço social, já na introdução da obra. Ele começa sinalizando para a corriqueira ideia de que o espaço social corresponderia ao substrato espacial material, mas vai adiante mostrando que não se circunscreve a isso: “(...) espaço social é um produto das relações sociais; um produto que, ‘dialeticamente’, como enfatizara sistematicamente Lefebvre e como ressaltaram depois muitos outros, também condiciona as relações sociais.”¹. Portanto, somente se compreende a espacialidade a partir das relações sociais e dos seus agentes produtores. Temos, portanto, relações sociais espacializadas, ou relações sociais tornadas espaços². A esse conjunto de reflexões Souza insere a psique, apoiado em Castoriadis e sinaliza para o tripé: psique, relações sociais e espaço. Ademais, prossegue tratando das facetas das escalas geográficas, desde nanoespaços (que Souza explica como sendo os de uma única habitação, um acampamento de sem-terra, um trecho de rua), escala local (micro, meso e macro local), além da escala regional, a nacional, a internacional e a mundial/global.

Souza reitera que o objetivo da obra que é buscar a espacialidade libertária tanto em nomes clássicos do anarquismo (Reclus, Kropotkin) quanto contemporâneos (Bookchin, Castoriadis), além de experiências históricas do passado e recentes. Segundo o referido autor, em nossos dias, novas e múltiplas ‘geografias’ emancipatórias, baseadas em práticas espaciais insurgentes, territórios dissidentes, muitas vezes embebidas em valores e princípios libertários baseadas na autogestão e horizontalidade voltam a ser destaque. E com o intuito de manifesto que tem, ele diz que são ‘geografias’, convidando a uma Geografia, a Geografia Libertária³.

O livro tem duas partes, a primeira contempla o legado do anarquismo clássico, subdividida em capítulo inicial seguido de outros três, um voltado a Élisée Reclus, outro a Kropotkin e o quarto capítulo aborda as *Geografias da Revolução Espanhola*. A segunda parte abrange o neoanarquismo e o autonomismo, igualmente com quatro capítulos e estrutura similar a anterior. O primeiro capítulo também é mais genérico com alguns questionamentos das contribuições contemporâneas. Em seguida um capítulo é dedicado a Bookchin e outro a Castoriadis. O quarto capítulo trata dos movimentos emancipatórios contemporâneos.

Na primeira parte, Souza inicia com as origens dos termos anarquista e libertário e as possíveis relações entre eles. Abordando as diferenças de significados dos referidos termos em variados idiomas, demonstra que estão relacionados ao pensamento político de uma sociedade. Isto fica evidenciado quanto aos restritos significados de libertário no inglês, especialmente nos Estados Unidos: “(...) expressa a cultura política hegemônica de um país onde o movimento operário nunca foi comparável ao europeu e onde as matrizes político-filosóficas de esquerda nunca chegaram a ser verdadeiramente importantes”⁴. De modo geral, pela obra toda ele ressalva que não é possível sintetizar tais significados pois não existe um bloco monolítico. Ao contrário sempre existiram diversas tendências e, portanto, divergências.

1 Souza, 2017, p. 43.

2 Souza, 2017, p. 45.

3 Souza, 2017, p. 68.

4 Souza, 2017, p. 77.

Nos capítulos dedicados a Reclus e Kropotkin, o autor da obra em resenha busca longamente os aportes dos dois geógrafos, em especial quanto aos seus objetivos em pensar a espacialidade, sem perder de vista a compreensão política e social presente nas numerosas obras deles. Ainda que não muitas no caso brasileiro, existem outras obras que abordam de modo geral tanto Reclus quanto Kropotkin, por isso não reproduzimos contribuições dessa natureza nessa resenha.

O que é único em *Por uma Geografia Libertária* é, conforme sinalizado antes, a busca do que há de mais geográfico nestes autores clássicos, como nos mais recentes. Destacamos que de Elisée Reclus, Souza segue o percurso da Geografia Física à Geografia Social, exposto no segundo capítulo. Lembra contribuições à Geografia Urbana, a relativização da ideia de progresso, vinculada ao colonialismo e desenvolvimento industrial, além de sinalizar para a falta de uma alternativa pós-capitalista. Especificamente sobre a Geografia Urbana é preciso lembrar que existem publicações notáveis em português que lembram Reclus, como é o caso do número especial da revista *Cidades* voltado a essa finalidade e intitulado: *O pensamento e a práxis libertários e a cidade*. Na referida revista o autor do livro resenhado, além de publicação de artigos, foi editor.

As contribuições de Kropotkin estão compiladas no terceiro capítulo, que ganha título baseado em um texto dele: o que a Geografia deve ser. Como explicamos antes, também aqui não faremos uma compilação geral sobre o trabalho desse geógrafo anarquista clássico, para sinalizarmos de modo mais direto suas contribuições em relação a espacialidade. Deste modo, evidencia-se que Kropotkin, em sua obra, tinha uma proposta de desconcentração econômico-espacial e descentralização territorial. Souza apresenta, inclusive, modelos gráficos escalares e de uma rede urbana mais equilibrada que resultaria dessa desconcentração.

O quarto capítulo encerra essa parte, dedicado ao que seria uma notável experiência clássica baseada nos ideais libertários – a Guerra Civil, que Souza prefere nomear de *Revolução Espanhola*. A experiência, considerada das mais relevantes neste sentido, gerou também uma notável produção na Espanha e fora dela, inclusive literárias, como por exemplo George Orwell e Ernest Hemingway, que não apenas escreveram, mas nela estiveram presentes como combatente e correspondente jornalístico, respectivamente. Souza menciona principalmente contribuições acadêmicas como as de Diego Abad de Santillán e Myrna Margulies Breitbart. Esta segunda autora mencionada trata também das federações descentralizadas e da fascinante ideia de usos alternativos e não autoritários do espaço, atribuindo significância singular aos pueblos e a capacidade anarquista de os resgatar como lugar, longe de armadilhas reacionárias. Na concepção federativa libertária, as escalas geográficas mais amplas decorrem da articulação espacial e não devem comprometer a autonomia das localidades.

Nos capítulos dedicados a Reclus e Kropotkin, o autor da obra em resenha busca longamente os aportes dos dois geógrafos, em especial quanto aos seus objetivos em pensar a espacialidade, sem perder de vista a compreensão política e social presente

nas numerosas obras deles. Ainda que não muitas no caso brasileiro, existem outras obras que abordam de modo geral tanto Reclus quanto Kropotkin, por isso não reproduzimos contribuições dessa natureza nessa resenha.

O que é único em *Por uma Geografia Libertária* é, conforme sinalizado antes, a busca do que há de mais geográfico nestes autores clássicos, como nos mais recentes. Destacamos que de Elisée Reclus, Souza segue o percurso *da Geografia Física à Geografia Social*, exposto no segundo capítulo. Lembra contribuições à Geografia Urbana, a relativização da ideia de progresso, vinculada ao colonialismo e desenvolvimento industrial, além de sinalizar para a falta de uma alternativa pós-capitalista. Especificamente sobre a Geografia Urbana é preciso lembrar que existem publicações notáveis em português que lembram Reclus, como é o caso do número especial da revista *Cidades*⁵ voltado a essa finalidade e intitulado: O pensamento e a práxis libertários e a cidade. Na referida revista o autor do livro resenhado, além de publicação de artigos, foi editor.

As contribuições de Kropotkin estão compiladas no terceiro capítulo, que ganha título baseado em um texto dele: *o que a Geografia deve ser*. Como explicamos antes, também aqui não faremos uma compilação geral sobre o trabalho desse geógrafo anarquista clássico, para sinalizarmos de modo mais direto suas contribuições em relação a espacialidade. Deste modo, evidencia-se que Kropotkin, em sua obra, tinha uma proposta de desconcentração econômico-espacial e descentralização territorial. Souza apresenta, inclusive, modelos gráficos escalares e de uma rede urbana mais equilibrada que resultaria dessa desconcentração.

O quarto capítulo encerra essa parte, dedicado ao que seria uma notável experiência clássica baseada nos ideais libertários – a Guerra Civil, que Souza prefere nomear de Revolução Espanhola⁶. A experiência, considerada das mais relevantes neste sentido, gerou também uma notável produção na Espanha e fora dela, inclusive literárias, como por exemplo George Orwell e Ernest Hemingway, que não apenas escreveram, mas nela estiveram presentes como combatente e correspondente jornalístico, respectivamente. Souza menciona principalmente contribuições acadêmicas como as de Diego Abad de Santillán e Myrna Margulies Breitbart. Esta segunda autora mencionada trata também das federações descentralizadas e da fascinante ideia de usos alternativos e não autoritários do espaço, atribuindo significância singular aos *pueblos* e a capacidade anarquista de os resgatar como lugar, longe de armadilhas reacionárias. Na concepção federativa libertária, as escalas geográficas mais amplas decorrem da articulação espacial e não devem comprometer a autonomia das localidades. Ao contrário os níveis supralocais, por mais relevantes que sejam, devem ser subsidiários ao local⁷.

5 Revista *Cidades*, v.9, n.15, 2012.

6 Registramos essa interpretação de Souza que inclusive intitula o quarto capítulo, mas observamos que ela pode ser polêmica, pois foi um conflito marcado por muitas mortes, realmente uma guerra. Tal fato associado ao seu desdobramento posterior, com a implantação de uma ditadura militar compromete a possibilidade de considerá-lo como uma revolução.

7 Souza, 2017, p. 205.

Durante a Guerra Civil Espanhola, foram diversos os segmentos coletivizados. De cultivos a indústrias e serviços, inclusive teatros e cinemas, especialmente na Catalunha e sua capital Barcelona. O contexto desse fato, de 1936 a 1939, como conflito armado é bastante complexo, mas em resumo, decorre da repressão a ascensão de movimentos revolucionários de diversas tendências em um território onde predominavam forças conservadoras. Nele as tendências que se revelariam na Segunda Guerra Mundial foram anunciadas, na medida em que outros países defendiam respectivos aliados ideológicos, o que ficou expresso no caso trágico de Guernica, tão conhecido pela obra de Picasso. Tratava-se de uma localidade bombardeada pela aviação militar alemã. Quando terminada a Guerra Civil assumiu o poder na Espanha o General Francisco Franco da Frente Nacionalista, que realizou um governo extremamente autoritário, fase que ficou conhecida como *franquismo*. Portanto, a Guerra Civil Espanhola foi um período curto historicamente, mas impressionante como experiência libertária.

Não há dúvida que essa etapa histórica espanhola deve ser conhecida e diversas obras podem proporcionar acesso aos fatos e suas diversas interpretações. O que a sociedade conseguiu realizar foi fantástico. Souza busca as causas do seu fim, dizendo que ela teve vários agentes que contribuíram ao seu sepultamento, sobretudo o peso de ações stalinistas, avanço militar fascista, burocratismo e, inclusive, a conduta de lideranças sindicalistas, dentre outros.

Esse evento histórico na Espanha não se vai sem deixar marcas profundas na vida política. Neste sentido, por mais que tenha avançado o neoliberalismo, em especial após a crise mais recente, é notável como permanecem as tendências libertárias espanholas. Aludimos, sobretudo, aos diversos ateneus anarquistas e populares⁸. Neste ponto saímos um pouco do escopo de resenha para acrescentarmos observações acerca dessas iniciativas que temos acompanhado. É difícil precisar numérica e qualitativamente novos espaços libertários, mas temos observado como crescente a atuação de grupos que assim se organizam. Sistematizamos o que encontramos no Quadro 1, que resume a tentativa do *Diretorio de Ateneos Libertários* de agrupar informações. Pelo que conhecemos de Barcelona percebemos que existem atividades que não apareceram nele catalogadas como a Aurea Social (<http://www.aureasocial.org>) e demais vinculadas a Cooperativa Integral Catalana (<http://cooperativa.cat/que-es-la-cic-2/>). Portanto, o levantamento permite conhecer com mais

⁸ São numerosos os denominados ateneus ou locais libertários e populares. Historicamente eles remontam ao passado também, surgem vinculados ao movimento operário e devido a falta de infraestrutura educativa oficial para esta classe, mas já desenvolviam atividades culturais diversas. Portanto, existem deste o século XIX, vinculados aos anarquistas ou a outras tendências de movimentos sociais. Durante a ditadura desapareceram ou esconderam-se, mas após 1975 ressurgiu, não mais como forma de suprir a educação básica mas para assegurar outros direitos e interferir em demais problemas sociais. Eles retornam como pontos de encontro, de atividades culturais e de lutas sociais. Eles tiveram uma decadência na década de 1980 e em parte de 1990 para reaparecer mais recentemente com diversas motivações e iniciativas, como vinculado ao movimento de ocupação de moradias por jovens, os okupas, mas também como espaços de encontro autogestionados, com criação de bancos de horas e criação de moedas sociais em decorrência da crise financeira.

detalhes essas iniciativas, mas a sua intensidade é provavelmente maior do que a registrada no quadro 1.

Comunidade Autónoma	Número de ateneus e outros espaços
Andalucía	10 ateneus*; 4 bibliotecas e centros de estudos; 3 projetos educativos e duas feiras de livros. *6 vinculados a centrais sindicais (4 CNT e 2 CGT)
Aragão	2 ateneus, 4 bibliotecas e centros de estudos.
Astúrias	4 ateneus, 3 bibliotecas e centros de estudos, 1 feira de livro.
Canárias	1 biblioteca e centro de estudo
Cantabria	3 ateneus ou locais anarquistas
Castilha La Mancha e Castilha León	28 ateneus e locais* (12 libertários e 16 outros populares); 11 bibliotecas e centros de estudos, 4 projetos educativos e universidades livres, 3 feiras de livros. *5 CNT e 1 CGT
Catalunha e Balears	25 ateneus e locais* (libertários) + 29 ateneus populares ⁹ *1 CNT e 1 CGT ** 12 bibliotecas e centros de estudos (uma constitui uma rede de bibliotecas sociais com 16 unidades) 6 projetos educativos com uma rede de 6 universidades livres; 2 feiras de livros e um festival de cinema anarquista
Euskalherria (País Vasco)	4 ateneus e espaços; 1 centro de estudos, 3 feiras de livros.
Extremadura	4 ateneus; 2 centros de estudos e bibliotecas e um projeto educativo.
Galícia	5 ateneus ou espaços libertários; uma biblioteca e uma feira de livro anarquista.
Valência	8 ateneus libertários + 12 iniciativas; 7 bibliotecas e centros de estudos; 3 projetos educativos (universidade, escola e horta); 2 mostras de livros e uma de cinema.

Quadro 1. Espanha. Espaços anarquistas/libertários, 2016

Fonte: Directorio de Ateneos Libertarios en el estado español, disponível em <<http://www.alasbarricadas.org/noticias/node/19036>>. Acesso em 02.Nov.2016.

Retomando a resenha, na segunda parte da obra, como sinalizado anteriormente, Souza mantém a estrutura da parte anterior, buscando novas contribuições ele enfatiza as obras de Bookchin em um capítulo e a de Castoriadis em outro. Finaliza com um último no qual analisa novos movimentos sociais pelo mundo com princípios e organização libertárias.

Souza mostra que ao questionar o anarquismo clássico, estadofóbico, novas posturas podem admitir participar de eleições ou táticas que se aproveitariam de

⁹ Entre estes está *Can Batlló* no Bairro de Sants, Barcelona, que pudemos visitar e *Aurea Social* também em Barcelona, além do Local Anarquista *Magdalena – Madrid*, visitado em Madrid no Bairro do Lavapiés.

brechas do Estado, sem perder de vista atitudes e objetivos principais. Transitando entre Bookchin e Castoriadis ele traz a ponderação acerca do poder, pois o ativismo edifica uma forma de contrapoder. O mesmo quanto a liderança cuja existência para Castoriadis não é problema. Segundo ele, o desafio é a manutenção dos líderes submetidos aos interesses coletivos e impedi-los de confiscar o comando.

O autor defende que as transformações históricas e sociais nas últimas décadas exigem repensar a realidade com base em categorias novas, não é possível pensar o tempo presente com categorias passadas. Portanto, na atualidade, a recusa da luta institucional pode levar ao isolamento. Ao invés de uma atitude estadofóbica, existe a possibilidade de uma conduta estadocrítica, na qual admite-se adotar algo de institucional enquanto tática.

Nestes capítulos dedicados a Murray Bookchin e depois no que se volta a Cornelius Castoriadis ele busca suas dimensões espaciais, como o fez com os autores clássicos. Em relação à Bookchin, ele ressalta o ambientalismo e a crítica a superficialidade e mesmo ao conservadorismo de muitas interpretações remetendo positivamente à Ecologia Social e Ecologia da Liberdade.

Destaca em Bookchin a defesa de uma espacialidade desconcentrada e descentralizada, como já aparecia em nomes clássicos, como sobretudo o em Kropotkin. Isso emerge, especialmente, na reflexão acerca da urbanização sem cidades. Ele apresenta a urbanização contemporânea como uma geografia capitalista que compromete dimensões diversas – das sociais as estéticas, sabotando a qualidade de vida dos habitantes e minando energias cívicas¹⁰. Nesta análise, lembra Souza como Bookchin e Lefebvre se aproximam e convergem na crítica a cidade capitalista. Bookchin traz, ademais, a proposta de um municipalismo libertário, na qual valoriza a perspectiva político pedagógica da escala local e a ideia de escolas de cidadania crítica.

No terceiro capítulo, dedicado a analisar a obra de Castoriadis, o projeto de autonomia e sua espacialidade, Souza ressalva que o referido autor não se considerava libertário, aliás, teceu muitas críticas aos anarquistas, mas acabou desenvolvendo uma teoria que se aproxima muito dessas concepções. Castoriadis é um autor muito presente em outras obras de Souza. A novidade maior neste livro é a que o faz refletir sobre que espacialidade do projeto de autonomia, como aparece no título do capítulo. Contudo, ele mostra que essa contribuição fica aquém do que é possível conceber com a perspectiva de autonomia, especialmente a partir da autonomia coletiva. Por isso, com base em Castoriadis, Souza desenvolve a ideia de espacializar o referido projeto de autonomia, que abrangeria questões, tais como a de que novas relações sociais exigem novas formas espaciais e que espaços de referência precisam ser pactuados levando em conta identidades sócio-espaciais e outros tantos desafios. Reforça, que o espaço está longe de ser um epifenômeno: “A autonomia será no espaço, através do espaço e por meio do espaço – ou não será”¹¹.

10 Souza, 2017, p. 257.

11 Souza, 2017, p. 343.

Finalizando essa parte, Souza traz no quarto capítulo uma análise dos movimentos emancipatórios contemporâneos: espaço-tempos da autonomia. Ele retoma a ideia de prática espacial de Lefebvre, advertindo que nenhuma prática humana é independente do espaço social. Contudo, interessam no contexto da obra as práticas sociais dos movimentos sociais emancipatórios. Neste ponto do livro, Souza produz praticamente um tratado sobre movimentos sociais para mostrar que desde um simples ativismo até movimentos mais complexos podem ser assim considerados. Ele critica o uso do termo movimentos sociais de modo indiscriminado. É preciso distinguir ativismos em geral e movimentos sociais em sentido estrito. Ele esclarece:

“Os movimentos emancipatórios são aqueles fundados sobre princípios e valores como liberdade, justiça e igualdade; os não emancipatórios, que não deixam de ser também movimentos sociais (uma vez que também questionam e desafiam o status quo e, latente ou manifestamente, almeja a sua superação ou transformação), se apresentam embebidos em valores passadistas, nostálgicos, seja sob a forma de um romantismo (...) laico, seja sob a forma de um fundamentalismo religioso. No caso dos movimentos emancipatórios, tem-se a encarnação de uma verdadeira práxis – e é justamente esse horizonte de pensamento e ação (caracterizado pelo questionamento profundo da ordem sócio-espacial vigente e pela mobilização e pela luta por sua ultrapassagem, ao menos no que respeito a aspectos fundamentais) que os diferencia de meros ativismos ‘paroquiais’”¹².

São muitas as contribuições da obra neste sentido, na medida em que o autor prossegue tipificando os movimentos sociais em quadros. Souza retoma a questão das práticas espaciais, nesta parte acrescentadas dos propósitos insurgentes, mostrando que elas podem ser consideradas bastante diversas quanto a serem violentas/não violentas; duráveis ou efêmeras; imediatamente políticas ou imediatamente culturais; ruidosas ou silenciosas; abertas ou escondidas; local ou supralocal¹³. A obra apresenta alguns exemplos como ocupações de sem-teto no Quilombo das Guerreiras e Chiquinha Gonzaga na Zona Portuária do Rio de Janeiro. Sobre a concepção de território rede encontramos exemplificada na obra, com o caso dos Chiapas e seu nexos planetário, uma vez mais valorizando a questão das escalas geográficas com modelos gráficos de articulações relativas a essas experiências.

Outras tendências valorizadas no livro são clubes e feiras de trocas, cooperativas em espaços de sem-teto, empresas recuperadas, bloqueios de vias, etc. Souza¹⁴ cita ainda zapatistas no México; *piqueteros* ou *asambleas barriales* e empresas recuperadas na Argentina; sem-tetos no Brasil; *shack dwellers* na África do Sul, movimentos europeus por uma outra globalização; *Autonomen* na Alemanha; *Reclaim the Streets* aos *Social Centres*; dentre outros.

No final desse capítulo Souza dedica uma parte ao planejamento e gestão, argumentando que a princípio seriam atividades vinculadas ao Estado, mas ele mostra outras formas de vê-los. O referido autor apresenta quadros sintetizando o planeja-

12 Souza, 2017, p. 363-364.

13 Souza, 2017, p.389-390.

14 Souza, 2017, p. 468.

mento e a gestão pautados ora pela autonomia ora pela heteronomia. Mostra, também, os diferentes níveis de participação com base no alcance autonomia.

Ao finalizar a obra o texto retorna a questão dos termos Anarquismo e Libertário. Esclarece que a perspectiva libertária como crítica radical da heteronomia e rejeição simultânea do capitalismo e do seu Estado, bem como no socialismo burocrático, teve no anarquismo seu primeiro e principal representante. Souza pondera, contudo, que para dar conta da realidade contemporânea as contribuições anarquistas clássicas precisam de complementações ou ressalvas.

Souza finaliza reforçando a ideia de autonomia e de que nada nos impede de especializar o projeto de autonomia. Em seu último parágrafo, neste ponto bastante em tom de manifesto encontramos um apelo para que os geógrafos contribuam nas lutas de resistências e insurgências, que nos territórios dissidentes existem tentativas de instituir o novo, e complementa afirmando que é preciso fazer da "(...) transformação para melhor da realidade sócio-espacial¹⁵ um compromisso ético."¹⁶

A esse manifesto e apelo, seguem mais de vinte páginas de valiosas referências bibliográficas. Estamos ainda bastante distantes como sociedade, das práticas socioespaciais libertárias, pautadas na autonomia. Neste sentido, esse livro pode ser visto como já se falou da literatura: é um vagalume, com luz que talvez não seja suficiente para iluminar, mas certamente evidencia a escuridão a nossa volta. É longo o caminho a trilhar por uma sociedade libertária, mas parece que não há outro que valha a pena.

Bibliografía

Directorio de Ateneos Libertarios en el Estado Español. Disponível em: <<http://www.alasbarricadas.org/noticias/node/19036>>. Acesso em: 02.Nov.2016.

PAULA, Amir El Hakim. *Geografia e anarquismo: a importância do pensamento de Piotr Kropotkin para a Ciência*. São Paulo: Editora da Unesp, 2019.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Por uma Geografia Libertária*. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

SOUZA, Marcelo Lopes de. (Editor especial da edição). Revista *Cidades - O pensamento e a práxis libertários e a cidade*, v.9, n.15, 2012.

© Copyright: Ángela Maria Endlich, 2020

© Copyright: Biblio3W, 2020.

Ficha bibliográfica:

ENDLICH, Ángela. Por uma Geografía Libertária. *Biblio3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 10 de julio de 2020, vol. XXV, nº 1.301. [ISSN: 1138-9796]

15 Mantivemos nas citações a compreensão de Souza quanto a grafia do sócio-espacial. No restante do texto escrevemos de acordo com o que temos utilizado sempre em nossos trabalhos, socioespacial. Não ignoramos o debate travado pelo autor acerca disso no Brasil e nem é o caso de retomá-lo aqui.

16 Souza, 2017, p. 478.